



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS
(PROJETO SEGUNDO TEMPO)**

**EVANDO CARLOS MOREIRA
(depoimento)**

**ANO
2011**

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias – Segundo Tempo

Número da entrevista: E-198

Entrevistado/a: Evando Carlos Moreira

Nascimento: 05/07/1975

Entrevistador/a: Luciane Silveira Soares

Data da entrevista: Hotel Quality, São Paulo

Transcrição: Leila Carneiro Mattos

Copidesque: Bruna Caroline Oliveira Pedro

Pesquisa: Bruna Caroline Oliveira Pedro

Total de gravação: 13 minutos

Páginas Digitadas: 06

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo.

MOREIRA, Evando Carlos. *Evando Moreira (depoimento, 2010 – ano da entrevista)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2011

Sumário

Primeiros contatos e trabalhos no Programa Segundo Tempo; funções desempenhadas; Tempo de experiência e abrangência do serviço; participação nas capacitações; visão da estrutura do programa; limitações encontradas; pontos positivos; contribuição do programa para a inclusão social e atendimento aos objetivos que se propõe; importância do registro da memória.

São Paulo, 09 de Dezembro de 2010. Entrevista com Evando Carlos Moreira a cargo da entrevistadora Luciane Silveira Soares para o projeto Memórias do Programa Segundo Tempo.

L.S. – Primeiramente: como tu conhecestes o Programa Segundo Tempo?

E.M. – Eu conheci o Programa Segundo Tempo ainda na primeira gestão do governo Lula¹, quando eu trabalhava com uma disciplina no curso superior chamada Políticas Públicas. Nós fazíamos um levantamento de todas as políticas públicas na área da Educação Física do esporte e do lazer no país. A partir dessa busca de informações eu conheci o Programa Segundo Tempo e levava, inclusive, algumas de suas particularidades da época para a sala de aula para discutir com os alunos a questão das políticas públicas da nossa área.

L.S. – E como e quando tu iniciaste a trabalhar com o Programa Segundo Tempo?

E.M. – Eu fui convidado pelo professor Amauri² a participar de uma primeira reunião em maio de 2007 com um grupo de professores, na época, acho nos éramos seis. Ele nos convidou para participar de uma reunião que avaliaria um pouco das tecnologias do Instituto Ayrton Senna. Nós começamos a discutir essa tecnologia do Instituto Ayrton Senna e pensarmos em algumas perspectivas de organização do Programa Segundo Tempo a partir de algumas concepções que nós tínhamos sobre a questão do esporte educacional. Então, foi nesse período que as nossas atividades tiveram início junto ao Programa Segundo Tempo.

L.S. – E qual a tua função no Programa Segundo Tempo hoje?

E.M. – Hoje eu sou coordenador da Equipe Colaboradora 8 e acompanho os convênios de Mato Grosso, Rondônia, Tocantins e Piauí. Ou seja, coordeno uma equipe que tem professores de Mato Grosso e, atualmente, uma professora no Piauí.

¹ Luiz Inácio Lula da Silva

² Amauri Aparecido Bássoli de Oliveira, Coordenador Pedagógico do Programa Segundo Tempo

L.S. – O total disso: há quanto tempo tu trabalhas com o PST?

E.M. – Há três anos e meio, desde maio de 2007, desde o início dessa nova roupagem do Programa Segundo Tempo.

L.S. – O teu trabalho é estadual?

E.M. – É! Na verdade a gente já construiu alguns textos que fazem parte hoje dos fundamentos pedagógicos do Programa Segundo Tempo, tanto na primeira versão do material pedagógico, como no segundo material pedagógico. E, atualmente, a gente tem organizado também uma publicação de experiências práticas do Programa Segundo Tempo que é um livro que vai conter dezoito capítulos que vão abordar diversas modalidades esportivas com algumas sugestões de aula que os professores possam utilizar. Então, na verdade, nossa atuação ela se dá no nível nacional, mas também junto a Equipe Colaboradora no plano de alguns estados estes que eu já mencionei para você.

L.S. – Mas está vinculada a algum projeto em especial?

E.M. – Não. A gente só está diretamente ligado à coordenação geral de acompanhamento pedagógico administrativo junto à Equipe Colaboradora.

L.S. – Então, tendo este desdobramento nacional, tu conheces todos os demais desdobramentos do PST, tu participas das capacitações também?

E.M. – Participo das capacitações, desde seu o início. Na verdade eu participo das capacitações desde 2008, quando nós capacitamos os nossos multiplicadores, os nossos formadores. Quando as Equipes Colaboradoras foram constituídas, eu fui convidado para coordenar uma dessas equipes e, a partir de então, fazer todos os trabalhos de acompanhamento.

L.S. – E tu fizeste capacitação?

E.M. – Sim! Fizemos várias capacitações.

L.S. – E qual a que tu fizeste, qual a tua capacitação?

E.M. – Na verdade não fizemos uma capacitação, nós construímos um modelo de capacitação na época. Isso ainda começou com um piloto em 2007, em São Paulo; e ainda em 2007, no Rio Grande do Sul. E a partir daí nós construímos modelos de capacitação. Já, a partir de 2008, com a constituição do primeiro ciclo de capacitação, nós coordenamos capacitações no Brasil inteiro. Eu coordenei capacitações em Campinas, coordenei capacitações no Mato Grosso, coordenei uma capacitação agora lançada no Piauí, então, a gente tem trabalhado nesse sentido.

L.S. – E qual a tua visão sobre a estruturação atual em comparação com a estruturação anterior do Programa do Segundo Tempo?

E.M. – Se nós compararmos o início dos trabalhos em 2007, nós praticamente partimos do zero. Não tínhamos uma proposta formulada, o que nos foi apresentado foi uma perspectiva de trabalho, como eu havia comentado, produzida pelo Instituto Ayrton Senna. A partir daí nós fizemos algumas proposições que foram colocadas em projetos pilotos e várias reformulações foram feitas. Hoje nós temos, com certeza, um avanço muito significativo se comparado ao início deste trabalho, se comparado há três anos e meio ou quatro atrás. Contudo, nós também identificamos que ainda há a necessidade de fazermos algumas adaptações, muito em função dessas intervenções que a gente tem feito. A gente percebe as nossas limitações, as nossas fragilidades, assim como as nossas potencialidades e, a partir dessas identificações de fragilidade, é que se tem construído outros elementos para dar conta disso. Um exemplo típico é a questão do material de experiências práticas que era uma das solicitações dos coordenadores de núcleo que diziam: “olha, a gente precisa de alguns outros exemplos”. E, já que nós temos essa necessidade, essa demanda, resolvemos produzir um material que atenda a essa necessidade. Didaticamente e pedagogicamente nós avançamos muito e temos, ainda, muito ainda a avançar. Mas do ponto de vista do aspecto pedagógico a gente tem um caminho já bem sedimentado, bem pavimentado.

L.S. – Quais as limitações tu destacaria para o aperfeiçoamento do Programa?

E.M – Acho que a maior limitação é a dificuldade das pessoas que são capacitadas, os recursos humanos do Programa Segundo Tempo, em operacionalizar a proposta pedagógica. Eles têm dificuldade em colocar em prática e mudar a sua forma de trabalho. Geralmente são pessoas que vieram de uma formação profissional arraigada muitas vezes no tecnicismo, e quando nós apresentamos as mudanças e o novo trato pedagógico para o ensino do esporte, isso entra em choque com esse processo formativo deles. Então, a maior dificuldade que eu vejo é a operacionalização dos fundamentos pedagógicos, didáticos e metodológicos do Programa na prática, lá no cotidiano junto às crianças e isso, obviamente, reflete no monitor também, que é quem atua diretamente com todas as crianças, eu vejo que esta hoje seja a nossa maior limitação.

L.S – E os pontos positivos?

E.M – É a mudança de mentalidade de gestores e dos recursos humanos envolvidos nesse processo. Eles começaram a compreender que não basta você fazer um convênio com o Ministério do Esporte e desenvolver as atividades: há um caminho a ser trilhado. E essas pessoas têm percebido essa mudança de mentalidade, têm se dedicado um pouco mais na elaboração da sua proposta pedagógica, têm pensado para além da prática esportiva, ou seja, os elementos, os valores, as atitudes que derivam dessa prática esportiva. Eles têm ensinado para além do esporte, com as suas limitações, com as suas dificuldades, mas eles têm ensinado para além do esporte e eu acho que isso é o legado que o Programa Segundo Tempo vai deixar.

L.S – E falando da inclusão social, tu achas que o Programa atende a este requisito, ele contribui, de fato, para uma inclusão social?

E.M – Eu penso que sim, mesmo com as nossas limitações. Essas crianças se sentem parte de um grupo, elas criam um sentimento de pertença a um determinado grupo, às outras crianças e aos seus coordenadores, ao monitor. Elas saem de casa com um propósito: “eu vou praticar esportes, eu vou me reunir com outras pessoas e com pessoas que gostam de mim”. E isso é muito significativo, por mais que os núcleos não funcionem a contento e, a gente sabe que em alguns casos isso não ocorre, talvez essa seja a única possibilidade de inclusão dessas crianças numa rede social. Seja a partir do esporte, seja a partir da

vestimenta, seja a partir da alimentação, ela talvez tenha ali a única oportunidade de pensar para além daquela condição de vida que ela tem. Então, independente dos problemas que existam, com certeza o Programa Segundo Tempo tem contribuído para que essas crianças se incluam socialmente.

L.S – Pela tua prática, o Programa Segundo Tempo atende os objetivos a que ele se propõe?

E.M – Sim. Ele atende aos objetivos que ele se propõe. Ele poderia atender mais e melhor, isso é fato, mas obviamente a gente tem que também perceber que historicamente são três anos, três anos e meio, quatro anos no máximo que essa nova estrutura do Programa Segundo Tempo foi colocada em prática. Do ponto de vista histórico é um tempo curtíssimo, talvez a gente observe uma efetividade maior daqui sete, dez, quinze anos. Mas nesse prazo curto tempo, com certeza, ele cumpriu com os seus propósitos que é favorecer a inclusão social de suas crianças, democratizar o acesso às práticas esportivas e permitir que essas crianças pratiquem atividades esportivas. Eu tenho certeza que o Programa Segundo Tempo contribuiu para isso sim.

L.S – Tu mencionaste a história, nós estamos tentando trabalhar com a memória do Segundo Tempo. Gostaria que tu falasses se tu achas importante esse projeto, o porquê, já que faz tanto tempo que tu fazes parte dessa memória também.

E.M – Eu acho extremamente louvável e significativa, principalmente porque, não que tenhamos pouco, mas a divulgação de relatos históricos, de trabalhos que envolvam as atividades físicas, o esporte, a educação física propriamente dita, eles não têm pelo menos no mundo acadêmico, a importância que outras áreas têm. Quando a gente observa iniciativas como a do CEME³, de fazer esse levantamento de informações, de criar um registro histórico dessas ações, a gente percebe que isso também acaba sendo uma estratégia para a gente manter viva a perspectiva do ensino do esporte, que não seja no marco do Programa Segundo Tempo, mas que seja como ponto de referência para que o esporte educacional, a perspectiva da inclusão social continue existindo. Essa iniciativa é extremamente importante, e eu acho que isso vai dar mais subsídios ainda para que o

Programa Segundo Tempo continue no inconsciente coletivo como uma prática de esporte que atende às crianças em situação de vulnerabilidade social ou não, e que com certeza vai contribuir muito para que o esporte educacional se constitua como uma política pública de estado e não apenas de governo.

L.S – Então, Evando, eu te agradeço a entrevista e fica à vontade se quiseres mencionar algumas outras coisas, falar sobre o Programa fica a vontade.

E.M. – A gente entende que se nós não acreditarmos no processo, por mais que às vezes tenhamos dúvida em relação ao percurso, ou mesmo à efetividade, como às vezes a gente coloca isso até mesmo à prova: “será que de fato está dando certo?” Se a gente for pegar na vida de cada uma dessas crianças, no contato que a gente tem com elas, nas visitas *in loco* que nós fazemos, de fato o Programa Segundo Tempo tem uma importância fundamental, seja na vida de um, de dez, de cem, de mil crianças. Por mais que, hoje, nós falemos em milhões, se nós, através do Programa Segundo Tempo, mudamos a vida de uma, de dez, de quinze crianças isso é mais importante. Porque talvez, se não fosse o Programa Segundo Tempo, nem essas dez, essas vinte, essas mil crianças teriam mudado de vida. Eu acho que o Programa Segundo Tempo tem, sim, uma contribuição fundamental, tem se tornado um espaço de discussão de intervenção pedagógica e de discussão acadêmica. Tem promovido, inclusive, sua discussão como objeto de teses, dissertações de mestrado, monografias de conclusão, de curso de especialização, etc. Isso significa que ele já tem um impacto fundamental, ou seja, as pessoas já estão querendo estudar o Programa Segundo Tempo. Isso tudo demonstra que ele tem contribuído para o cenário da Educação Física no esporte no Brasil, eu não tenho dúvida disso.

L.S – Obrigada!

[FINAL DO DEPOIMENTO]

³ Centro de Memória do Esporte.